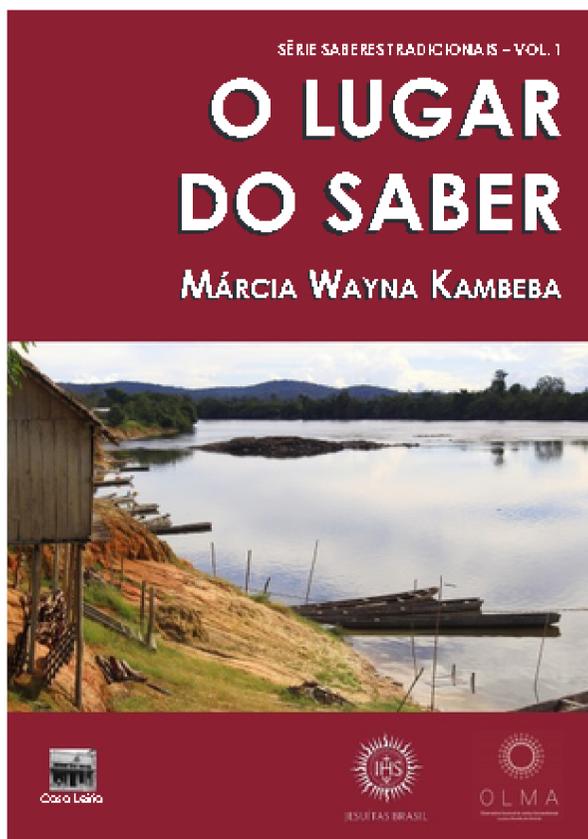


## ANCESTRALIDADE, SABERES E RESISTÊNCIA INDÍGENA: A POESIA DE MÁRCIA WAYNA KAMBEBA EM O LUGAR DO SABER

Jairo da Silva e Silva\*

KAMBEBA, Márcia Wayna. **O lugar do saber**. 2. ed. São Leopoldo: Casa Leiria, 2020. 68 p.



O ano de 2020 foi de muitos desafios para a humanidade. O novo coronavírus se fez presente em todos os continentes, inclusive nos recônditos da Antártida, o continente gelado. Em 31 de dezembro, mais de 77 milhões de pessoas haviam sido infectadas em todo o mundo. A quantidade de vítimas fatais chegou a quase 2 milhões. No caso do Brasil, as infecções beiraram 8 milhões e, aproximadamente, 195 mil óbitos foram contabilizados até o último dia do ano de 2020.

No país, entre as vítimas com maior vulnerabilidade, estão os povos indígenas[1]. Contudo, apesar de 2020 apresentar tantas perdas, principalmente para os povos originários, uma das notáveis vozes da literatura indígena contemporânea, Márcia Wayna Kambeba, colocou à disposição do público, em versão digital e para download gratuito, o livro *O lugar do Saber*. Uma escrita poética sobre ancestralidade, saberes e resistências indígenas.

Inicialmente, a versão impressa foi lançada no ano de 2018 pela editora Casa Leiria, de São Leopoldo (RS). Todavia, em junho de 2020, o público foi presenteado pela versão digital deste que é o segundo livro de poesias de Márcia Kambeba. Por meio de sessenta e oito páginas, conhecemos quarenta e quatro poemas que reverberam vozes ancestrais, de saberes e de resistências indígenas na contemporaneidade.

Logo de entrada, no prefácio, o pesquisador Aloir Pacini, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), disserta sobre a interface de Márcia Kambeba para além da poesia. Pacini (2020, p. 11) discorre sobre o quanto o limite da palavra escrita possui sua prisão, “[...] por isso a dificuldade de captar tudo que a autora tem para comunicar. Por isso a autora é brilhante atuando no seu teatro, na música e na sonoridade de seus versos, o que não aparece na escrita, somente sugere, acena.”

São múltiplas as interfaces da escritora amazônica Márcia Wayna Kambeba. Ela é uma indígena da etnia Omágua/Kambeba, nascida numa aldeia do povo Tikuna chamada Belém do Solimões, no Alto Solimões, estado do Amazonas. Na atualidade, reside e trabalha em Belém, capital paraense. Em sua escrita, geolocalidades, identidades e territórios se entranham ao ser-quem-somos frente à natureza. Há, portanto, uma apresentação de identidades indígenas não essencializadas, mas sim intrínsecas, em seu exercício de comunhão com a natureza.

\*Professor Efetivo da área de Letras Língua Portuguesa e Língua Espanhola no Instituto Federal do Pará (IFPA/Campus Abaetetuba). Doutorando em Letras: Linguagens e Representações na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Mestre em Letras - Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Membro do Grupo de Estudos em Educação, Memórias e Culturas na Amazônia Paraense (GEMCA/IFPA/CNPq).  
Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-0427-7237>  
E-mail: [jairodasilvaesilva@gmail.com](mailto:jairodasilvaesilva@gmail.com)

[1] Mortalidade por Covid-19 entre indígenas é 16% maior. Disponível em: <https://bit.ly/3pgj798>. Acesso: 20 mar. 2021.

Márcia Kambeba possui mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e cursa doutorado em Letras na Universidade Federal do Pará (UFPA) e, atualmente, exerce a função de Ouvidora Geral da Prefeitura Municipal de Belém. No entanto, é por meio das múltiplas linguagens que realiza seu ativismo, conectada à ancestralidade e à resistência. Escritora, poeta, palestrante, compositora, cantora, fotógrafa, Kambeba participa de vários eventos nacionais e internacionais, programas de rádio, televisão e canais na internet, enunciando posições comprometidas com a desconstrução de estereótipos impostas aos povos originários em mais de cinco séculos.

É nessa esteira que Márcia Kambeba faz uso de suas múltiplas manifestações artísticas para contar e cantar os saberes de sociedades indígenas amazônicas, relacionadas, também, com o olhar que se volta à ancestralidade e à resistência. Saberes que constituem as subjetividades, as memórias e as territorialidades, elementos que dão a tônica da poética materializada em *O lugar do saber*.

Tais elementos não se apresentam como tripartidos, separados. Nos quarenta e quatro poemas, há presença dessas marcas que atravessam a poética de Márcia Kambeba. Da escrita que abre o livro, “O rio que corre em mim é um rio de memórias” (KAMBEBA, 2020, p. 12-14), ao que o encerra, “Território, identidade, memória e cultura dos povos da terra” (KAMBEBA, 2020, p. 62-63), a natureza e o seu cuidado se unem no traçado de um fio condutor da poesia dessa escritora.

A primeira narrativa revela a importância da natureza para os povos originários e respectiva cumplicidade, exaltada por meio do percurso dos rios amazônicos, lugar de saber para estas sociedades: “A água tem poder de cura na cultura indígena.” (KAMBEBA, 2020, p. 13). Ou ainda, conforme ver-seja “Mãe natureza”, o poema que abre a obra: “É preciso prestar atenção! E vestir a camisa da conservação para não beber e comer com sabor de poluição!” (KAMBEBA, 2020, p. 15).

Tal como um livro aberto, nos escritos dessa autora amazônica, os modos de subjetividades e vivências das sociedades indígenas se apresentam como ensinamentos que, “[...] ainda mantidos hoje, contribuem para constituição de identidade, da noção de pessoa, dos valores e crenças, do coletivo social, da relação com a natureza, do respeito ao outro, do entendimento de partilha [...]” (KAMBEBA, 2020, p. 14). Em seus textos, se apresenta a subjetividade tal como entendida por Leonor Arfuch (2010), em referência ao entrecruzamento de expressões e identidades que compõem o sujeito de modo, ao mesmo tempo, singular e coletivo.

Por meio de memórias das ancestralidades indígenas e territorialidades que exprimem a pertença destes sujeitos como inter-relacionados à natureza, o fio narrativo que conduz os poemas de *O lugar do saber* exalta saberes e fazeres de povos amazônicos. A expressão poética da autora enuncia essas características das identidades indígenas, tais como expostas nas fotografias que ilustram o livro, também de autoria própria, bem como nos poemas: “Mãe Natureza”, “O coração de Nhandêrú”, “Conversas com Encantados”, “O abraço de Boiassú”, “Amazônia”, “Chão Kambeba”, “Uyca Tyera (Coração Forte)”, “O tempo do clima”, “Iuiria”, “Palavra do povo Omágua”, “Identidade”, “Tambor nossa cor”, “Pororoca”, “Ancestralidade”, “Amor de boto”, “Amazônico chão”, “A dança do amor”, “Meu velho rio”, “Memórias de São Paulo de Olivença-AM”, “Território da dança”, “O peso do Pará”, “Verde mundo”, “Murucututu”, “Vida de ribeirinho”, “Segredos do rio”, “No pensar de Waimí”, “Caminho de rio”, “Encanto da floresta”, “Caminho da vitória régia”, “O canto dos guarás”, “Sons da mata”, “Cheiro do encanto”, “Povo flutuante” e “Canto do uirapuru”.

Enquanto tais elementos se configuram como lugar de saberes para estes povos, quanto aos não-indígenas, são apresentados como forma de conscientização para entendimento e fomento ao respeito às dinâmicas que constituem e atravessam as distintas sociedades originárias. O livro *O lugar do saber* é, portanto, um convite à compreensão dessas vivências e resistências.

A poesia de Márcia Kambeba está para além da estética e seus aspectos formais. É também a *(d) enunciação de sua escrevivência* – como diria Conceição Evaristo (2017) ao nomear uma escrita atrelada à vivência de quem escreve, às narrativas de suas memórias e das de seu povo –, é, por assim dizer, reflexão crítica da luta dos povos originários contra as insígnias da colonialidade, sobretudo no que concerne à colonialidade do saber-poder, conforme preconizado por Aníbal Quijano (2005). Em *O lugar do saber*, vários poemas se mostram como denúncia: “Minha história se cristalizou, / Minha língua em silêncio ficou, / Minha aldeia o progresso tomou, / Resisti ao opressor.” (KAMBEBA, 2020, p. 25).

Entre os poemas com este aspecto de protesto de forma mais contundente, citamos: “Mãe natureza”, “O choro da terra”, “Terra sem mal”, “O lamento da água”, “Pisando na História”, “Cocar: identidade ou fantasia?”, “Amazônia”, “Chão Kambeba”, “O tempo do clima”, “Palavra do povo Omágua”, “Identidade”, “Resistência indígena”, “Resistência Kokama”, “Intervenção humana”, “Amazônico chão”, “Verde mundo”, “Lamento da terra”, e “Bandeira de paz”. Este último dá a tônica da escrita de denúncia: “Pensem no sangue / Que derramaram os ancestrais, / Na coragem dos guerreiros, / Na beleza da sabedoria / Que vem das memórias reais. / Na chama que aquece o frio / Na cruz que nos tirou a paz. / Genocídio Cultural? / Não permitiremos jamais.” (KAMBEBA, 2020, p. 30).

Eliane Potiguara (2019, p. 89), também uma notável escritora indígena, questiona: “Quais rasteiras que devemos dar no neocolonizador, no opressor político-cultural para despertarmos a força interior e transformá-la em sabedoria e arma para o crescimento da humanidade e melhor qualidade de vida?”. Entre tantas possíveis respostas a essa questão feita por Potiguara, recorremos uma vez mais à poética de Márcia Kambeba: “[...] a percepção de cada indivíduo dentro da sociedade indígena e da responsabilidade que cada pessoa carrega consigo” (KAMBEBA, 2020, p. 14). Ou, em nossas palavras, por meio do ativismo na causa indígena.

Assim, *O lugar do saber* é muito mais que um livro de poesias. O leitor está diante de uma potente produção lítero-artística em defesa e divulgação das culturas e saberes das sociedades indígenas brasileiras em suas diversidades. A poética de Márcia Kambeba apresenta-se, portanto, como manifestação do ativismo contemporâneo originário, conferindo aos próprios indígenas o protagonismo quanto à interlocução de suas culturas, tradições, saberes e resistências, a fim de “[...] buscar um amanhã mais sereno, / Promovendo a reflexão, / De pensar em resistência / Unindo esse povo irmão, / Na certeza de que a cultura / Terá uma continuação (KAMBEBA, 2020, p. 30). E, sensibilizando aos leitores não-indígenas para as pautas dos povos originários no Brasil: “É o saber do lugar, / É o respeito a quem luta para resistir.” (KAMBEBA, 2020, p. 58).

## REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **O lugar do saber**. 2. ed. São Leopoldo: Casa Leiria, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3rfVqyo>. Acesso em: 21 mar. 2021.

PACINI, Aloir. Prefácio. In: KAMBEBA, Márcia Wayna. **O lugar do saber**. 2. ed. São Leopoldo: Casa Leiria, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3rfVqyo>. Acesso em: 21 mar. 2021.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Grumin, 2019.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

**Resenha recebida em: 26 mar. 2021. | Artigo aprovado em: 05 jun. 2021.**